

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E DA LEITURA EM VOZ ALTA PARA CRIANÇAS EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO

Gabriela Duarte Cunha (FEUC)
gabidc@oi.com.br

1. Introdução

A contação de histórias vem sendo muito usada como parte da rotina nas séries iniciais, no entanto, a maioria dos professores não tem consciência da sua importância para a formação de novos leitores e também no processo de aquisição da leitura e da escrita. Acreditam que esse é um momento apenas de descontração, não agregando a ele o seu devido valor. Sabe-se que é muito importante que a criança tenha contato com histórias e livros desde muito cedo, o ideal seria que os pais fizessem esta introdução ao prazer da leitura. Como isso geralmente não ocorre, fica para a escola a tarefa de apresentar a criança o fantástico mundo das histórias e dos livros.

O professor tem um papel essencial na formação desses novos leitores, somos responsáveis por despertar nos alunos a paixão pelos livros e também por mantê-la acesa. Difícil tarefa, entretanto, muito gratificante, pois vibramos de alegria a cada coração conquistado por um livro. É muito bom ver os frutos do seu trabalho, principalmente quando este é feito com amor.

Este artigo trata da importância que a contação de histórias tem para os alunos em fase de alfabetização, partindo da origem desta arte milenar e encerrando com sugestões que, na verdade, são experiências bem sucedidas que gostaria de compartilhar.

O interesse por esse tema é antigo, como professora de classes de alfabetização, sempre tive o costume de contar histórias para os meus alunos. Apesar disso, confesso que só pude compreender a importância dessa prática após a leitura do livro *Como um Romance*, de Daniel Pennac. Outras se seguiram e com elas muitas ideias que comeci a por em prática com minha turma de 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município do Rio de Janeiro.

2. A arte de contar histórias

O contador de histórias
É aquele que te leva
Aos lugares mais distantes
Instiga a tua curiosidade
Traz à tona teus medos
Liberta teus sonhos.

(Patrícia Rocha)

A contação de histórias é uma arte milenar passada de geração em geração, transmitindo através desta tradição oral seus saberes, experiências, mitos, rituais. Segundo Malba Tahan (1966, p. 19) “Em todos os recantos do mundo civilizado, os contos e as fábulas foram empregadas no ensino da ética; são formas populares, condensadas, da sabedoria popular.” Assim, o contador de histórias era uma figura de destaque na comunidade, pois ele entretinha toda a população com suas narrativas que causavam prazer e admiração, e, dessa forma mantinha viva a herança cultural pela memória de um grupo.

Inicialmente a contação de histórias era uma atividade unicamente oral; as histórias reais ou imaginárias eram contadas em viva voz. Acredita-se que a literatura infantil, os contos de fadas e muitos outros que conhecemos hoje, surgiram destes contos populares, sendo assim, a contação de histórias é a origem da literatura.

A contação de histórias foi por muito tempo uma prática doméstica, cultivada nos lares em comunidades rurais. Com a urbanização e o aparecimento das novas mídias ela foi sendo aos poucos abandonada. Só em meados do século XX os contadores ressurgiram como novos contadores ou contadores urbanos e passou a ser reconhecida também no campo pedagógico. Esses novos contadores tem um perfil diferente, pois lidam com uma matéria oral secundária, ou seja, (re)contam histórias, produções literárias arquivadas nas bibliotecas a décadas.

O surgimento dos professores-contadores se deu por volta dos anos 80, o objetivo era aproximar o aluno do livro, desenvolvendo o gosto pela leitura e também auxiliar no ensino da leitura e da escrita. Algumas pesquisas indicam que o trabalho com a literatura infantil desenvolve o imaginário, e também, possibilita a ampliação do conceito de texto, o conhecimento de tipologias textuais, bem como de aspectos formais, gramáticas e relações de textualidade.

Admitamos, axiomáticamente, que os pais, os mestres, os educadores, todos quantos tenham qualquer parcela na formação intelectual e moral dos pe-

queninos de hoje, que serão os homens do futuro, estão convencidos de que essas narrações, que tanto enlevam, divertem, instruem e edificam o mundo da petizada, constituem, em nossos dias, objeto de acurados estudos, observações e pesquisas, cujo fim essencial consiste em tirar todo o partido possível de tão atraente pedagógica, separando-se o joio do trigo, aprimorando-se o que for bom, e suprimindo-se as toxinas que a ignorância ou a malícia humana hajam ali enxertado. (TAHAN, 1966, p. 9)

3. *A contação de histórias e a formação de leitores*

O verbo ler não suporta imperativo. Aversão que partilha com alguns outros: o verbo “amar”... o verbo “sonhar”... Bem, é sempre possível tentar, é claro. Vamos lá: “Me ame!” “Sonhe!” “Leia!” “Leia logo, que diabos, eu estou mandando você ler!” (PENNAC, 1993, p. 13)

Toda criança gosta de ouvir histórias, e essa é uma parte importante da infância. É ao brincar e fantasiar que a criança começa entender o mundo, e, ouvir histórias também auxilia nesse processo onde realidade e imaginação se misturam. Especialistas afirmam que a leitura em voz alta deve fazer parte da vida da criança desde muito cedo, quando ela nem compreende tudo o que falamos. Formar um leitor seria inicialmente tarefa dos pais, pois caberia a eles o papel de apresentar o encantado mundo das histórias e dos livros para nossos pequeninos. Infelizmente, no caso da maioria das crianças brasileiras, principalmente as mais pobres, por diversos motivos isso raramente ocorre, seja por falta de tempo ou por falta de instrução dos pais, muitas vezes eles também não gostam de ler, acham que essa é uma tarefa da escola ou ainda por acreditarem que as novas mídias já estão fazendo esse papel de desenvolver o imaginário da criança. Seja qual for o motivo, a verdade é que a maioria das crianças de hoje, só passam a ter um contato efetivo com livros e histórias quando ingressam na escola.

Diante desta realidade, o professor tem um papel primordial na formação de novos leitores. E por isso, a contação de histórias vem sendo muito explorada por professores de classes de alfabetização. Descobriu-se que mais do que entretenimento, esta pode ser uma excelente ferramenta para a formação de leitores e também para o ensino da leitura e da escrita. A leitura deve fazer parte da vida escolar do aluno desde muito cedo, é na educação infantil que o professor deve começar a desafiar esse aluno a entrar em um mundo novo. Ler para o aluno apenas por ler, sem

cobranças, contando-lhe histórias diversas, é assim que a criança conhece os livros como uma fonte inesgotável de novidades e prazer.

Nessa fase, é importante que o professor desperte no aluno todo o interesse pelos livros, a ponto dele ter vontade de aprender a ler. É comum vermos crianças com um livro na mão contando a história como se estivesse lendo, usando a imaginação e a memória. Daniel Penac, em seu livro *Como um Romance*, tenta descrever como uma criança se apaixona pela leitura “ensinamos tudo do livro a ele, naquele tempo em que ele não sabia ler. [...] Que pedagogos éramos, quando não tínhamos a preocupação da pedagogia.” (PENNAC, 1993, p. 19 e 21)

Ah, enfim a alfabetização! Momento mágico de muitas descobertas, por que não gostaria de aprender a ler com tantas aventuras a sua espera? “Ler, escrever, contar... No começo, ele sentiu um entusiasmo verdadeiro”, (PENNAC, 1993, p. 40) O prazer de aprender a ler, para essa criança que está encantada pelos livros, pode ser comparado a um baú cheio de tesouros que enfim está sendo aberto. Muitas possibilidades surgem para aquele que aprende a ler. Ana Maria Machado em seu livro “Como e por que ler os clássicos universais desde cedo” diz que gostar de ler é também o gosto pela viagem “A satisfação de se deixar transportar para outro tempo e outro espaço, viver outra vida com experiências diferentes do cotidiano”. (MACHADO, 2002, p. 19 e 20)

Tudo corria bem quando, de repente, ele aprende a ler e, então, começam as exigências: fichas de leitura, prova do livro, interpretação, questionário etc., tudo para acabar com o trabalho que tivemos durante os primeiros anos da sua vida. “Parece estabelecido por toda a eternidade, em todas as latitudes, que o prazer não deva figurar nos programas das escolas e que o conhecimento não pode ser outra coisa senão fruto de um sofrimento bem comportado”. (PENNAC, 1993, p. 78) Mesmo tendo que cumprir os programas da escola, o professor precisa encontrar uma maneira de não destruir uma relação tão bonita que foi sendo construída desde a Educação infantil, a relação entre leitor e livro.

Para formarmos um leitor, não basta apresentá-lo ao livro, é preciso cultivar e depois cuidar para que a sementinha que foi plantada cresça e floresça. O professor, principalmente das séries iniciais, deve estar atento a isso. A alfabetização e anos que se seguem a ela são essenciais para a formação do novo leitor. É aí que a contação de histórias deve voltar a fazer parte da rotina do aluno, ou melhor, essa é uma prática que todos os professores devem manter, independente do ano de escolaridade. Por que

parar de contar histórias? Só por que ele cresceu e já sabe ler sozinho? Numa entrevista, o escritor e contador de histórias Illan Bremman disse que

O bom contador de histórias é um agregador, disse também que quando ele começa a contar uma história, seja para adultos ou crianças, o público vai aumentando, se haviam duas pessoas ouvindo, após cinco minutos o número aumenta para dez, vinte... Todos gostam de ouvir histórias, independente da idade.

Acredito que através da contação de histórias, da leitura em voz alta com emoção, podemos manter viva a paixão pelas histórias, até que um dia ele comece a ler por conta própria e a partir daí nunca mais se separe dos livros. Mesmo que esses alunos não se tornem leitores, nem todos se tornarão, mas eles precisam saber o quanto ler é bom e que podem fazê-lo se precisarem ou se quiserem. É isso que venho experimentando com a minha turma e os resultados tem sido surpreendentes.

4. *Experiências bem sucedidas: contação de histórias como ferramenta de ensino*

Na minha trajetória como professora sempre fiz presente a prática da contação de histórias, desde os tempos em que trabalhei com a educação infantil, porém não tinha consciência plena da sua importância. Tal consciência começou a aparecer após a leitura do livro *Como um Romance*, de Daniel Pennac. Após essa leitura, várias outras se seguiram e com elas algumas ideias que comecei a por em prática com a minha turma de 2º ano na Escola Municipal Benjamin Franklin. Nesta seção gostaria de apresentar algumas sugestões de práticas que experimentei com meus alunos e que deram e ainda estão dando bons resultados.

A leitura de histórias sempre fez parte da minha rotina em sala de aula, mas eu queria dar um novo sentido a esse momento. A primeira ideia surgiu a partir da leitura do livro *Como e Por Que Ler os Clássicos Universais Desde Cedo*, de Ana Maria Machado, a ideia era ler para os alunos alguns clássicos, como por exemplo, as obras de Monteiro Lobato. Queria que meus alunos tivessem acesso a obras e autores importantes, obras que no momento eles ainda teriam dificuldade de ler sozinhos. Mas como fazer essa leitura, já que se tratam de obras extensas?

Decidi aproveitar o lado “noveleiro” que existe em cada brasileiro, e assim, contar as histórias em capítulos. O primeiro livro escolhido foi *Reinações de Narizinho*, parte I, de Monteiro Lobato. Fiz a leitura in-

tegral da obra e me surpreendi com os resultados, todos os dias os alunos me cobravam a leitura de mais uma parte da história, quando por algum motivo não dava tempo de ler, eles reclamavam. Além do prazer de ouvir as fantásticas histórias do sítio do pica-pau-amarelo, os alunos puderam conhecer o autor e sua obra, aprenderam vocabulários e conceitos novos.

Além dessa, li também da mesma maneira o livro *O Monstro Monstruoso da Caverna Cavernosa*, de Rosana Rios, esse foi um verdadeiro sucesso, durou apenas uma semana. Seus olhinhos brilhavam a cada capítulo contado, e, como reclamavam quando eu parava a história num momento em que algo estava para acontecer. Pediam para que terminasse a história naquele dia, pois estavam muito curiosos para conhecerem o fim da história. Foi uma experiência nova e muito empolgante para mim.

Todas essas leituras eram feitas no início da aula, conforme ia surgindo a necessidade ou o interesse, outras eram feitas ao longo da aula, livros mais curtos. O mais interessante é que essa minha jornada de contadora de histórias despertou neles o interesse pela leitura, não apenas a leitura individual, para si próprio, mas uma leitura para o grupo, eles queriam se tornar contadores de histórias como eu. Foi então que propus a eles uma nova atividade: além da leitura que eu fazia, eles agora escolheriam seus livros para contarem aos colegas. Eu sorteava três alunos por aula, eles escolhiam a história e levavam para casa para treinarem, um ou dois dias depois liam para a turma. Não forcei ninguém a participar, alguns ficaram envergonhados e decidiram não ler, mas a maioria aceitou, até aqueles que ainda leem com alguma dificuldade. Dar voz e vez a eles também foi muito importante para desenvolver a autonomia, a fluência leitora e a autoconfiança.

Gostaria de esclarecer que essas atividades ainda estão sendo realizadas, no momento estou lendo em capítulos o livro adaptado *As Viagens de Gulliver*, e eles já me pediram para contar algumas histórias do saci que estão no livro *O Saci*, de Monteiro Lobato. Estou dando continuidade também com as leituras feitas pelos alunos. Observei que já estão mais confiantes, lendo e escrevendo mais e melhor, o que prova que a contação de histórias também auxilia no ensino da leitura e da escrita.

5. Conclusão

A contação de histórias como ferramenta de ensino em sala de aula, é, pois, indispensável, uma vez que parte do conhecimento de mundo da criança. É um instrumento de ensino que pode desencadear no aluno o gosto pela leitura, e é essa nossa principal intenção, e também contribuir para sua formação cognitiva, afetiva, cultural e social, fazendo com que se torne um sujeito crítico e atuante na sociedade, com capacidade de transformá-la em um lugar melhor de viver.

Sendo assim, recomendamos a todos os professores o uso desta ferramenta, que além de proporcionar prazer, pode nos ajudar no processo de ensino da leitura e da escrita. Acreditamos que a fase de alfabetização, que corresponde aos 3 primeiros anos do ensino fundamental, seja o momento crucial para conquistarmos novos leitores. Entretanto, lembramos que essa prática de contação de histórias pode ser mantida, ou resgatada por professores de outras séries também, para que o amor pelos livros possa durar para sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. *Histórias de leitura na vida e na escola: uma abordagem linguística, pedagógica e social*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

GÓES, Lúcia Pimentel. *Olhar de descoberta: proposta analítica de livros que concentram várias linguagens*. São Paulo: Paulinas, 2003.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PENNAC, Daniel. *Como um Romance*. Trad.: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PREFEITURA da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Educação, Coordenadoria de Educação. *Leitura e escrita: 1º e 2º anos*. Rio de Janeiro, 2011.

RIBEIRO, Jonas. *Colcha de leituras: ensaios para unir amores e alinhar leitores*. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

TAHAN, Malba. *A arte de ler e contar histórias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.